

*Breves considerações sobre a descentralização e  
as transformações na estrutura comercial das  
cidades*

*Brief remarks about decentralization and the transformations  
in business structure of cities*

*Breves observaciones sobre la descentralización y las  
modificaciones en estructura comercial de las ciudades*

Lidiane Aparecida Alves  
Universidade Federal de Uberlândia  
lidianeaa@yahoo.com.br

Vitor Ribeiro Filho  
Universidade Federal de Uberlândia  
vitor.f@terra.com.br

---

**Resumo**

Neste texto é realizada uma pequena incursão histórica sobre o processo de descentralização. São abordados os estudos tradicionais sobre esse processo, considerando a realidade das cidades norte-americanas no pós-revolução industrial, nos quais estudiosos estabeleceram padrões gerais para a estrutura comercial das cidades, cujos estudos, posteriormente serviram de fundamentação para outros trabalhos, inclusive no Brasil. Além disso, destaca-se que a atual dinâmica do modo de produção capitalista tem favorecido a acentuação deste processo, que se apresenta com novas particularidades.

**Palavras-chave:** Descentralização, estrutura, cidades.

---

**Abstract**

In this paper a small historical review of the decentralization process is performed. Traditional studies of this process, considering the reality of North American cities in the post-industrial revolution, are addressed, in which scholars have established general standards for the commercial structure of cities, whose studies, later served as the basis for other studies, including Brazilian studies. Moreover, it is emphasized that the current dynamics of the capitalist mode of reproduction has favored the accentuation of this process, which is presented with new particularities.

**Key words:** Decentralization, structure, cities.

### Resumen

Este texto se hace un pequeño repaso histórico del proceso de descentralización. Se abordan en los estudios tradicionales sobre este proceso, teniendo en cuenta la realidad de las ciudades norteamericanas después de la revolución industrial, donde los expertos han establecido las normas generales para la estructura comercial de las ciudades, cuyos estudios, más tarde sirvió como base para otros estudios, entre ellos Brasil. Además, se destaca que la dinámica actual del modo capitalista de reproducción ha favorecido la acentuación de este proceso, que se presenta con características nuevas.

**Palabras clave:** Descentralización, estructura, ciudades.

---

## Introdução

O espaço urbano é palco da concretização de diversos processos socioespaciais. Ele constitui uma realidade objetiva, produzida pela sociedade sobre o espaço geográfico e, portanto, reflete as características dessa sociedade em um constante movimento que produz formas e conteúdos diferenciados ao longo da história. Segundo Corrêa (1995, p. 121), no âmbito da metrópole moderna, um produto da economia de mercado e da sociedade estratificada, a reprodução social e de capitais destacam-se entre os processos sociais nela concretizados e que originam sua organização espacial diversificada.

Para mediar os processos sociais e a materialização da organização espacial, destaca-se a atuação de forças, os processos espaciais, que permitem as localizações, realocações e permanências de atividades e população, refletindo a dinâmica da cidade. Os processos espaciais destacados, sobretudo após o século XX, por estudiosos como geógrafos, economistas e sociólogos, são os seguintes: centralização, descentralização, coesão, segregação, invasão-sucessão e inércia. Os três primeiros referem-se principalmente às atividades industriais, comerciais e de serviços; os dois seguintes à questão residencial e o sexto pode estar relacionado aos diferentes fatores, cujos processos não são excludentes entre si. Os proprietários dos meios de produção, proprietários de terra, empresas imobiliárias e de construção e o Estado, cada um com sua própria estratégia, são os atores que possuem ações que culminam no modelo da organização e reorganização espacial da cidade (CORRÊA, 1995, p. 122).

Sendo assim, nos estudos sobre o espaço urbano deve-se sempre considerar as relações sociais, que produzem formas, funções e estruturas espaciais de acordo com os diferentes contextos, criando novas organizações espaciais. Afinal, cada tempo histórico imprime diferentes estruturas decorrentes das transformações socioespaciais, as quais devem ser consideradas para a compreensão da realidade atual.

Neste contexto de intensas transformações impulsionadas pela conjuntura econômica e política, a cidade enquanto forma materializada do processo de urbanização assume novas configurações espaciais. Conforme assegura estudiosos como Whitacker (2007), Carlos (2008), Sposito (2008) etc, a urbanização assume dimensões quantitativas e, sobretudo, qualitativas nunca vistas antes.

Considerando as dimensões qualitativas, os processos de reestruturações das cidades e urbanas e suas novas formas consistem em objetos de estudo, que exigem a compreensão de questões mais amplas, como as mudanças no processo de reprodução da sociedade e do capital. Pois,

[...] as mudanças na escala interurbana alteram de modo correspondente as escalas intra-urbanas, o que não é novo nem exclusivo ao mundo contemporâneo, mas se estrutura de modo singular na atualidade, tendo em vista as novas tecnologias de informação e comunicação (SPOSITO, 2008, p.63).

Tais mudanças implicam na descentralização e, conseqüentemente, no surgimento da policentralidade na cidade. Processos ocorridos em várias cidades do mundo, embora com ritmos e características particulares, conforme as características e o grau de desenvolvimento da sociedade.

O processo de descentralização é consequência da excessiva centralidade da área central, que gera as deseconomias de aglomeração, combinada dentre outros fatores, com o crescimento demográfico e espacial da cidade e com o desenvolvimento tecnológico e econômico. Esse processo pode ocorrer de maneira planejada ou espontânea, acarretando na concretização do processo de reestruturação urbana<sup>1</sup> a partir da emergência das novas centralidades, que, por conseguinte será materializado em modificações da estrutura intraurbana, que passará à forma poli(multi)cêntrica, ou seja, com várias centralidades e padrões de deslocamentos em função da presença de vários centros com conteúdos diferenciados, conforme destacado por autores como Sposito (2008), Silva (2006), entre outros.

A partir da descentralização, a centralidade, antes restrita à área central passa a ocorrer em novas áreas, conforme destacado por Sposito (2008, p.64) a centralidade explode e fragmenta espacial e socialmente a cidade. São espraiadas as funções urbanas, especialmente aquelas relacionadas às classes

---

<sup>1</sup> Castells *apud* Villaça (2001, p.33) destaca que a reestruturação diz respeito às renovações no ambiente construído. Todavia pode haver renovação sem reestruturação, quando há alteração do espaço construído, mas não ocorre alteração da estrutura. Para exemplificar o autor cita a substituição do imobiliário colonial pelo neoclássico, com a manutenção da natureza do bairro, de sua classe social e localizações.

sociais e às atividades de comércio e serviços, rompendo com o padrão monocêntrico da cidade.

Diante do contexto apresentado e da relevância da temática, o presente texto aborda o processo de descentralização e a estrutura comercial da cidade a partir de um breve resgate dos principais estudos essenciais à compreensão de tais questões. Destarte, sua redação baseou-se na revisão de literaturas acerca dos temas abordados, desde os textos mais antigos até os trabalhos desenvolvidos nos últimos anos.

### **Algumas abordagens sobre o processo de descentralização e a estrutura comercial da cidade**

Para compreender a dinâmica interna das cidades, foram desenvolvidos diversos estudos segundo diferentes correntes de pensamento, muitos considerados como clássicos para o entendimento da reestruturação urbana. Dentre estes merecem destaque os estudos desenvolvidos nas escolas anglo-saxônica e francesa de Geografia, segundo as perspectivas funcionalista e marxista, respectivamente.

Há que se destacar o pioneirismo e a importância da Escola de Chicago de Sociologia Urbana, fundada na primeira metade do século XX, nos estudos sobre transformações espaciais nos espaços urbanos e na busca do estabelecimento de conceitos, metodologias e modelos de forma particular e inovadora, valorizando a visão de conjunto, a interrelação dos aspectos econômicos, demográficos e espaciais para explicar a complexidade do espaço urbano.

O reconhecimento da sucessão das escolas de pensamento e da evolução no entendimento da dinâmica espacial é fundamental, pois as características da morfologia urbana são distintas em cada momento histórico. Contudo, conforme apontado por Silva (2006, p.34), os conceitos elaborados pelos autores em determinado contexto devem ser avaliados e entendidos, pois a desconsideração dos mesmos dificulta a compreensão de alguns processos importantes para o entendimento da realidade (o desconhecido).

Em decorrência de transformações econômicas e no espaço urbano, que podem ser exemplificadas, respectivamente, pelo aumento da mobilidade e do consumo, e pelo crescimento da cidade e a busca por locais que ofereçam “amenidades”, verifica-se a concretização do processo de descentralização das atividades de comércio e serviços (CASTELLS, 2000, p.320). Esse processo,

[...] é mais recente que o de centralização. Aparece em razão de vários fatores. De um lado, como medida das empresas visando eliminar as deseconomias geradas pela excessiva centralização na área central. De outro, resulta de uma menor rigidez locacional no âmbito da cidade em razão do aparecimento de fatores de atração em áreas não centrais (CORRÊA, 1995, p.45).

Com base em Lefebvre (1999, p.112), podemos entender a descentralização a partir da dinâmica do espaço urbano, que possui, simultaneamente a capacidade de atrair e acumular diversos conteúdos que se excluem, incluem e supõem. Afinal, nas palavras do autor, o urbano apresenta tendências

- a) à *centralidade*, através dos distintos modos de produção e as diferentes relações de produção; tendência que vai atualmente até o ‘centro decisional’, encarnação do Estado, com todos seus perigos.
- b) à *policentralidade*, à oni-centralidade, à ruptura do centro, à desagregação, tendência orientável, seja através da constituição de diferentes centros (ainda que análogos, eventualmente complementares), seja até a dispersão e a segregação (LEFEBVRE, 1999, p.112).

Conforme destacado por Santos (2008), para estudar a organização espacial e, portanto compreender a dinâmica espacial é preciso de um ponto de vista holístico em que sejam considerados como “ingredientes analíticos”, os conceitos de forma, função, estrutura e processo<sup>2</sup>, considerados categorias de análise da Geografia Urbana e que, ao contrário de possuir diferentes nuances de sentidos, interagem inseparavelmente.

Com efeito, o processo de descentralização e a estrutura comercial da cidade, e suas respectivas formas e funções, decorrentes uns dos outros, permitem uma análise mais pormenorizada de determinado espaço na relação com sociedade. Por exemplo, a identificação dos padrões espaciais das atividades comerciais (formas e estruturas) possibilita a inteligibilidade da produção do espaço e da dinâmica urbana (funções e processos).

Dessa forma, quando se estuda o processo de descentralização e as transformações na estrutura comercial das cidades é importante destacar, que se deve a Christaller, em sua obra sobre os lugares centrais, ao propor as noções de alcance espacial mínimo e máximo para determinados produtos, as contribuições para a identificação de uma hierarquia de funções centrais e dos padrões espaciais, ainda que essa teoria tenha um escopo mais amplo.

---

<sup>2</sup> Para saber mais, ver Santos (2008).

Os estudos pioneiros sobre a descentralização foram desenvolvidos na década de 1930 pelo geógrafo Charles Colby, que estudou vinte e duas cidades nos EUA, Canadá e Grã-Bretanha e destacou a atuação de forças centrífugas, ou seja, a tendência à saída das atividades da área central, descritas por ele como [...] resultantes de dois componentes, a saber, uma urgência em deixar e um convite para vir, portanto sendo relevantes para o processo de descentralização; e de forças centrípetas, isto é a presença de fatores que viabilizavam a permanência ao mesmo a atração de certas atividades para a área central, contribuindo para a manutenção da centralidade dessa área (CORRÊA, 2005).

Colby (1958) *apud* Corrêa (1995, 45-46) destaca dentre os fatores de repulsão da área central: o aumento do preço da terra, impostos e aluguéis; os congestionamentos e altos custos dos sistemas de transporte e comunicação; a redução de espaços para a expansão; o aumento das restrições legais e as perdas de amenidades; e dentre os elementos atrativos nas áreas não centrais: a existência de terras não ocupadas e com menor preço; presenças de infraestrutura e de transportes; fatores atrativos naturais – relevo, controle no uso do solo; possibilidade de controle do uso da terra, amenidades físicas e sociais e “*threshold*” ou mercado mínimo capaz de suportar a localização de uma atividade descentralizada.

Além disso, há que se enfatizar que a concretização do processo de descentralização, conforme destacado por Corrêa (1995), é marcado por diferentes tipos de seletividade, com destaque para os seguintes termos:

- a) Atividades, algumas são mais propensas à descentralização;
- b) Tempo, numa mesma categoria de atividades, há uma seqüência de descentralização;
- c) Divisão territorial de funções, atividades com várias funções complementares, tendem a descentralizar as funções consumidoras e espaço e com baixa capacidade de pagar pela terra;
- d) Tamanho da cidade, inicia-se a partir de determinada dimensão urbana;
- e) Território, certos setores da cidade são mais procurados para tipos específicos de atividades. (CORRÊA, 1995, p.126-127).

O caráter seletivo do processo descentralização também está relacionado ao processo de coesão descrito por Hurd (1903) *apud* Corrêa (1995, p.56) como a tendência das atividades comerciais varejistas à aglomeração com vistas à acumulação de capitais.

Outro autor, cujos estudos desenvolvidos durante a década de 1930, devem ser considerados para o entendimento da estrutura comercial varejista da

cidade no contexto de descentralização, é Malcolm Proudfoot<sup>3</sup>. Tomando como base os padrões de localização das atividades comerciais em nove cidades norte-americanas Proudfoot (1968[1955]) propôs uma classificação e caracterização da estrutura varejista em cinco tipologias, a saber: *Central Business Center District* (Distrito Central de Negócios); *Outlying Business Center* (Centro Periférico de Negócios); *Principal Business Thoroughfare* (Eixo Principal de Comércio); *Neighborhood Business Street* (Rua de comércio de Bairro); *Isolated Store Cluster* (Grupamento Isolado de Lojas).

Segundo essa classificação o distrito central de negócios, diz respeito ao núcleo da área central, portanto a área de maior acessibilidade do espaço urbano; o centro periférico de negócios corresponde à réplica, em menor escala, do distrito central de negócios, considerando as características de sua estrutura varejista, bem como sua acessibilidade, visto que o volume de negócios nessa área é excedido apenas pelo do núcleo central, atraindo consumidores de longas distâncias; o eixo principal de negócios é caracterizado pela coexistência das funções comercial e de tráfego rápido com intenso fluxo veicular, visto que é responsável pela ligação da área central às áreas periféricas; a rua de comércio de bairro apresenta importância em nível de vizinhança, visto que é composta por lojas de artigos de primeira necessidade e se localiza nos bairros residenciais; por fim o grupamento isolado de lojas, que refere-se às lojas de artigos básicos que estão espalhadas nas áreas residenciais e servem ao atendimento imediato da população de seu entorno (PROUDFOOT, 1968 [1955], p.395-397).

Posteriormente no decorrer das décadas de 1950 e 1960, destacam-se as propostas de classificação das atividades comerciais de Eugene Kelley e de Brian Berry, de acordo com o novo contexto instaurado a partir da intensificação dos processos de suburbanização e difusão do uso do automóvel.

Neste sentido, de acordo com Kelley (1970 [1955]) a estrutura comercial varejista encontrada na maioria das cidades seria classificada segundo seis tipologias, de modo muito semelhante à classificação e caracterização proposta por Proudfoot, a saber: o *Central Business District* (Distrito Central de Negócios) internamente dividido em três porções, a saber: *core* que corresponde ao núcleo central; os *inner belt* e *outer belt* que dizem respeito aos cinturões interno e externo, onde estão presentes as atividades comerciais com maior intensidade e os usos sujos, respectivamente; o *Main Business Thoroughfares* (Eixos Principais de Comércio); os *Secondary Commercial Sub-districts* (Sub-distritos Comerciais Secundários, Planejados ou não) subdivididos nas categorias de bairro, comunitário ou periférico; as *Neighborhood Business Streets* (ruas de comércio de Bairro);

---

<sup>3</sup> O sistema classificatório proposto por Proudfoot foi utilizado como base nos estudos de Mabogunge (1964) na cidade de Lagos, na Nigéria.

*Small Store Clustre and Scattered Individual Store* (Pequenos Grupos de Lojas e Lojas Espalhadas); e por os *Controlled Regional Shopping Centers* (Centros de Compras Regionais Planejados), considerados uma inovação na forma de comércio varejista.

Em 1959, após revisar a literatura e analisar os aspectos gerais da estrutura comercial da cidade Berry (1968 [1963]) estabeleceu uma classificação de acordo com a forma e função dos núcleos comerciais em duas categorias, considerando hierarquia e espacialização dos mesmos: os eixos comerciais que dizem respeito aos estabelecimentos comerciais espacialmente localizados segundo o público consumidor que vão atender, eles abarcam as ruas de compras tradicionais, artérias urbanas e os novos eixos suburbanos; e, as áreas especializadas que correspondem às áreas que se especializaram na comercialização de determinado tipo de produto, podem ser ruas especializadas na venda de automóveis, em serviços de gráfica, em lazer, venda de móveis, na prestação de serviços médicos etc. Nesta classificação, Berry (1968 [1963]) destaca que esses componentes da estrutura comercial podem ser planejados ou não.

A estrutura comercial da cidade dos países subdesenvolvidos foi abordada por Santos (1979) na perspectiva dos dois circuitos da economia, ou seja, “circuito superior da economia”, mais moderno, representado pelos bancos, atividades de comércio e serviços modernas e o “circuito inferior da economia” constituído pelas atividades de comércio e serviços não modernas e de pequena dimensão. Onde, as atividades inerentes aos circuitos podem apresentar-se totalmente dissociadas ou conviver em um mesmo espaço.

No contexto do pós Segunda Guerra Mundial, com as mudanças sociais e emergência de novos padrões de estrutura comercial nas cidades, com destaque para os *Shopping Centers*, além de Kelley (1970 [1955]), Hoyt (1968 [1958]) se empenhou em estudá-los, segundo seus efeitos sobre a tradicional estrutura comercial da cidade e classificação, chegando a constatação de que a presença crescente desses empreendimentos pode alterar a estrutura comercial, repercutindo na dinâmica do subcentros.

No Brasil os estudos de caso sobre o processo de descentralização começaram a serem desenvolvidos mais tarde, principalmente no Rio de Janeiro, com as pesquisas de Duarte (1974), Serpa (1991), Erthal (1980), entre outros. Duarte (1974) embasada na teoria dos lugares centrais de Walter Christaller estudou o processo de descentralização, identificou e hierarquizou os centros funcionais (subcentros) em função da complexidade funcional das atividades terciárias e do grau de intensidade dos fluxos surgidos, chegando a três categorias:



1. Centros funcionais de primeira categoria, ou centros equipados, que totalizam mais de 12 funções, como Copacabana, Tijuca, Méier, Catete, Madureira e Ipanema;
2. Centros funcionais de segunda categoria ou subequipados, totalizam de 8 a 12 funções centrais, mas, ainda incompletas, como Penha, Campo Grande, Cascadura, Ramos, Leblon e Bonsucesso;
3. Centros funcionais de terceira categoria ou centros não equipados, totalizam de 4 a 7 funções, como Pilares e Bangu (SERPA, 1991, p.49).

A continuidade dos estudos sobre os subcentros no Rio de Janeiro foi assegurada por Silva (1974), que analisou os aspectos quantitativos e qualitativos, da Tijuca, Madureira e Catete a partir do levantamento dos usos do solo e de entrevistas com proprietários ou gerentes de lojas, e retomou a linha metodológica e os resultados de Duarte (1974); por Soares (1975) ao analisar a centralidade exercida pelo Centro, Madureira, Campo Grande, Copacabana, Méier, Tijuca e Catete; e por Serpa (1991) em seus estudos sobre a dinâmica e características do subcentro comercial do Méier. Embasado nos estudos de Berry, Erthal (1980) desenvolve em Niterói (RJ) um estudo com vistas a reconhecer e identificar as características da estrutura comercial varejista, em relação à localização, disposição espacial e funções (SERPA, 1991).

Com base nos resultados o autor propõe a existência de três zonas:

1. Core, ou seja, a porção mais edificada da área central, caracterizada por alta concentração locacional, relativa às atividades que demanda alta centralidade; predomínio do setor financeiro, concentração vertical, intenso fluxo;
2. Ruas entre o core e a periferia da área central, destacando-se pela presença de lojas de móveis e decoração, além de utilidades eletrodomésticas e presença de sobrados;
3. Periferia da área central, caracterizada por uma miscelânea de uso do solo, com grande destaque para a presença de serviços de reparação, além de muitas pensões e pequenos hotéis; alguns trechos, apresentando características de obsolescência (SERPA, 1991, p.51).

Ainda com base nas configurações espaciais e nas proposições de Proudfoot (1968 [1955]) e Berry (1968 [1963]), Erthal (1980) destaca presença de três padrões de localização assumidos pelas atividades comerciais: nucleação; alinhamento e esquina comercial.

No âmbito da cidade de São Paulo, no contexto de redefinição da estrutura comercial da cidade a partir da concretização do processo de descentralização, há que se destacar, dentre outros, os estudos desenvolvidos

por Cordeiro (1980) que caracteriza o centro de São Paulo e seu desdobramento considerando o surgimento dos subcentros populares, a expansão do comércio para alguns eixos e áreas especializadas. Neste estudo a autora embasa em Murphy e Vance Jr (1967 [1954]) reajusta as proposições de Kelley (1970 [1955]) e propõe uma setorização do centro principal em duas partes: core e setor de transição, sendo este último subdividido nos seguintes setores: assimilação, degradação e remanejamento. E por Frúgoli Júnior (2000) que analisa o centro e as centralidades das avenidas Paulista e Luis Carlos Berrini.

Nessa mesma perspectiva de buscar compreender o papel do centro, frente às transformações da estrutura urbana, tem-se o estudo de Santos (1959) sobre o centro da cidade de Salvador, de Ribeiro Filho (2004) sobre a área central de Manaus e os estudos de Villaça (2001) sobre a dinâmica socioespacial em várias metrópoles, como Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre.

A partir do desenvolvimento dessa diversidade de estudos sobre as centralidades e o processo de reestruturação que vem se materializando, em decorrência de mudanças na dinâmica econômica, torna-se possível a compreender dentre outros fatores, conforme destaca Ribeiro Filho (2004, p.64) a dinâmica da área central, a intensidade e as formas resultantes que impactaram nas mudanças e permanências das atividades terciárias da área central.

## **Os Processos e as formas espaciais**

Essa ampliação da urbanização é fator desencadeador de uma série de transformações nas cidades, uma vez que, são exigidos novos equipamentos e modelos de oferta de serviços, comércio e de transportes a ser oferecidos, de acordo com os padrões socioeconômicos da população de cada setor da cidade.

Os deslocamentos, seja de matérias ou do ser humano, possuem forte poder estruturador do espaço. Com efeito, no espaço intraurbano os deslocamentos do ser humano, enquanto portador de força de trabalho ou consumidor são responsáveis por sua reestruturação a partir das áreas de comércio e serviços, seus principais focos (VILLAÇA, 2001, p.20, LIMA FILHO, 1975, p.9).

Além disso, o desenvolvimento dos meios de transporte, consubstanciado na popularização dos veículos particulares; os interesses dos proprietários fundiários e promotores imobiliários; a proximidade da mão de obra; e a própria dinâmica capitalista viabiliza sobremaneira a concretização do processo de descentralização, pois a veem como fonte para mais lucros. Com relação ao capital, ao contrário do que ocorria anteriormente, a área central

deixa de ser um local privilegiado concorrencialmente para muitas atividades comerciais, que passam a buscar por localizações mais acessíveis ao mercado consumidor, segundo Corrêa (1995. p.47) “no capitalismo monopolista há centralização do capital e descentralização espacial, diferente, portanto do que ocorria no capitalismo concorrencial, onde a centralização espacial derivava de uma dispersão de capitais”, repetindo de certa maneira, os pressupostos do processo centralização em uma nova escala.

No âmbito do capital comercial, a fim de vencer a concorrência e assegurar a maximização dos lucros são criadas nos novos bairros, distantes do centro, filiais das firmas localizadas no centro, ou mesmo atividades que já surgem descentralizadas. Conforme destaca Castells (2000), “verifica-se no plano intraurbano uma tendência a reprodução do que ocorre em escala global”, posto que se torna comum o estabelecimento de grandes redes de lojas, em detrimento ao desenvolvimento dos estabelecimentos de origem local, que se veem incapacitadas de concorrer com as grandes cadeias de lojas.

Desenvolve-se assim, a partir da concretização do processo de descentralização uma reorganização e complexificação do espaço urbano a partir do surgimento de diferentes centralidades, cujas categorias são determinadas, dentre outros fatores, pela condição socioeconômica da população e pelo tipo de serviço oferecido, pois as centralidades apresentam um caráter seletivo. Elas apresentam também um caráter móvel, que se manifesta espacial e temporalmente de maneira diferenciada, segundo as redefinições impostas pelas novas características dos fluxos, reflexos e condição do sistema capitalista.

Considerando os reflexos da materialização da descentralização na estrutura comercial da cidade em seu estudo Reis (2007, p.7) propõe a existência de duas fases, uma da década de 1920 até, aproximadamente, meados da década de 1970 e outra após esta. Onde,

[na primeira] o surgimento de núcleos secundários [...], embora possam variar quanto à forma, função e escala, não colocam em xeque a supremacia do CBD na estrutura interna da cidade. [e na segunda] [...] o surgimento de novas expressões da centralidade intra-urbana que, derivados da intensificação da descentralização no contexto de formação da metrópole-policêntrica, são dotados de uma importância equivalente ou mesmo superior ao CBD que, por sua parte, passa a perder paulatinamente uma série de atributos com os quais pôde ser definido por um longo período da história da cidade moderna (REIS, 2007, p.7).

De modo que, especialmente após as últimas décadas do século XX, quando a descentralização é intensificada, quantitativamente e qualitativamente,

É preciso avaliar esta descentralização, porque não revela dispersão ou distribuição das atividades tradicionalmente centrais pela cidade, mas ao contrário, revela novas formas de centralidade. Ao negar a concepção de centro único e monopolizador, recria a centralidade, multiplicando-a através da produção de novas estruturas que permitem novas formas de monopólios, porque (re)especializam e (re)especializam as atividades comerciais e de serviços, reproduzindo em outras áreas da cidade as condições e qualidades centrais (SPOSITO, 1991, p.13).

Diante do exposto, tem-se que com o crescimento urbano e com a busca da população em atender as necessidades básicas, através de um processo as “áreas tornam-se ou deixam de ser centros, pois nem todos podem aglomerar em um único ponto, surgindo a necessidade de afastamentos” (VILLAÇA, 2001, p.238). O espaço urbano está constantemente suscetível ao aparecimento de novas formas/expressões da centralidade. A partir dessa lógica surge a cidade poli(multi)nucleada, produzida e ao mesmo tempo reprodutora da nova lógica que marca a presente fase da sociedade capitalista.

No que concerne às formas de consumo e apropriação do espaço urbano, sob os desdobramentos dessas modificações, Sposito (2004, p.375) destaca duas dinâmicas paralelas e articuladas entre si, quais sejam:

- aumento do número de áreas centrais, em função do aparecimento e multiplicação de subcentros (já que as cidades estão mais extensas e descontínuas territorialmente), de eixos comerciais e de serviços especializados ou não e de *shopping centers*, gerando uma **multicentralidade** no plano intra-urbano;
- tendência à segmentação social do mercado consumidor, segundo seu poder aquisitivo e suas formas de deslocamento, por transporte individual ou coletivo, gerando uma **policentralidade** no plano intra e interurbano (SPOSITO 2004, p.375). [grifo nosso]

Em suma, foram as transformações no sistema econômico e as novas condições de acessibilidade condicionadas pelo aumento da mobilidade, proporcionada pelo desenvolvimento do sistema de transportes intraurbano, rede viária e acesso aos automóveis particulares, paralelamente à expansão da cidade e a excessiva centralidade da área central, fundamentalmente após a segunda Guerra Mundial, que proporcionaram o surgimento de novas centralidades materializando uma multipolarização do espaço urbano, a partir

do surgimento de espaços especializados em determinadas funções. Conforme afirma Whitacker (2007, p. 154) as novas centralidades, além da expansão do tecido urbano, decorrem de aspectos como a diferenciação dos padrões de consumo, bem como são determinados por aspectos para além do nível intraurbano. Os subcentros exemplificam o primeiro fator, e os hipermercados e *Shopping Centers* são representativos dos segundos.

Tal processo tem como consequência o rompimento da polarização e comando do centro nas demais áreas funcionalmente diferenciadas da cidade, a partir de novas dinâmicas, que impõem novas feições ao espaço urbano.

A cidade fragmenta-se e perde a sua unidade funcional. A fragmentação corresponde à existência de enclaves distintos e sem continuidade com a estrutura socioespacial que os cerca. Traduz o aumento intenso da diferenciação e a existência de rupturas entre os vários grupos que substituem a continuidade anterior sendo particularmente visível no domínio da estrutura social e no território. Do ponto de vista social, cresce a segmentação não permitindo fazer uma leitura unidimensional nem hierárquica do espaço social porque as tendências para uma quase pulverização dos grupos requerem uma leitura multidimensional, como um caleidoscópio (SALGUEIRO, 1997, p.189).

O centro principal, de modo geral, tende a se especializar cada vez mais em funções econômicas, por vezes, sendo foco de atividades associadas às camadas populares, frente à redução da função residencial, bem como ao deslocamento de muitas atividades comerciais, industriais, e algumas tipologias de serviços, como os político-administrativos e culturais para áreas que lhes ofereçam mais vantagens. Sendo que, no caso das cidades, historicamente com funções turísticas, estas, têm um papel de grande importância no sentido de promover a refuncionalização e a revalorização do centro. De modo que, uma das consequências da concretização do processo de polinucleação é o relativo enfraquecimento do centro principal. Onde, conforme afirma Salgueiro (2006, p28) as novas centralidades, articuladas numa estrutura reticulada, vão servir de suporte material a novas vivências, traduzidas em novas espacialidades e modos diferentes de usar o tempo.

Além disso,

[...] essa redefinição – a dos conteúdos do que é centro e do que é periferia, bem como das relações entre essas partes, vem se estabelecendo em ritmos cada vez mais pormenorizados, dificultando reconhecer, não só o sentido geométrico mas socioespacial, o que seja centro e o que seja periferia (SPOSITO, 2008, p. 64) .

Ocorre uma redefinição da área central, que sofre relativa perda de influência sobre toda a cidade devido à redução da função comercial que a restringe conforme aponta Castells (2000) à manutenção de alguns grandes mercados geralmente destinados ao público popular e, na outra extremidade a localização de boutiques especializadas em venda de produtos a uma clientela sem localização precisa. Segundo Mello (1997 p.54), “minimizando o peso da variada carga da oferta e da demanda de funções de comércio e serviços”. Todavia, continua a monopolizar as atividades de grande prestígio e alcance espacial como as sedes de administração e gestão de empresas que se encontram espalhadas pela cidade. Assim, a área central se define cada vez mais pelo papel de “gestão e informação” Castells (2000), pelo comércio de produtos de baixa qualidade, serviços especializados, e atividades culturais “noturnas”.

Por outro lado, nas demais áreas do espaço urbano aumenta-se a potencialidade de valorização, visto o redirecionamento do fluxo de consumidores para onde ocorre a expansão do centro, a emergência de novas centralidades, como subcentros comerciais, centros comerciais, os eixos comerciais e as áreas especializadas, conforme colocado por Sposito (1991), “provocando e permitindo a separação socioespacial e a fragmentação no interior da cidade”, visto que são instituídos novos espaços de consumo para atender aos anseios de determinados grupos sociais.

Com isso tem-se que as modificações no âmbito social, econômico, político e cultural, especialmente de orientação externa, condicionam e são refletidas na estrutura urbana. Sendo que, em função das características do momento atual, a complexidade e, conseqüentemente a dificuldade para análise são ampliadas.

## **Considerações Finais**

Conforme já evidenciado por vários estudiosos da questão urbana, nos períodos precedentes ao capitalismo industrial, a dinâmica urbana era menos intensa, as transformações das formas e funções urbanas ocorriam de maneira mais lenta, bem como apresentavam conseqüências menos notáveis. Todavia, a partir das últimas décadas do século XIX e início do século XX, como reflexo e condição do desenvolvimento capitalista, as transformações nas cidades foram intensificadas, em termos quantitativos e qualitativos. A ocorrência do processo de descentralização, observado em várias cidades norte-americanas após a década de 1920 e no contexto brasileiro a partir da década de 1940 nas metrópoles e após 1970 nas cidades médias decorre destas transformações socioeconômicas materializadas na cidade.

O processo de descentralização, que modifica a estrutura comercial da cidade implica em modificações na forma, conteúdo, funções e significados da centralidade intraurbana. Ocorre uma relativa redução da acessibilidade da área central e, em contrapartida, segundo os interesses dos capitais produtivo e comercial, outros locais têm um aumento relativo de acessibilidade. Com isso a estrutura urbana é alterada.

As formas derivadas do processo de descentralização são variáveis, conforme apontam os estudos de Geografia Urbana, estas abarcam eixos e áreas, planejados ou espontâneos, cujos efeitos a estrutura comercial da cidade são desiguais. No atual estágio de expansão do capitalismo a complexidade desse processo é ampliada e aqueles estudos clássicos desenvolvidos no contexto da cidade industrial, em que a cidade de Chicago era representativa, mostram-se insuficientes. Com isso, verifica-se a demanda de novos estudos que consigam explicar a nova realidade da cidade, denominada por muitos de pós-moderna e caracterizada pela emergência de várias novas centralidades, algumas com importância e papel comparáveis à área central da cidade.

## Referências

- BERRY, B J. L. General Features of Urban Commercial Structure. In: **International Structure of the City – Readings on Space and Environment**. BOURNE, Larry (ed.). Toronto: Oxford University Press. 1968. p. 361-367. (reprinted and adapted from Berry, B. J. L., Commercial Structure and commercial blight, research paper, n. 85, Univ. Chicago, 1963).
- CARLOS, A. F. A. A urbanização da sociedade: questões para o debate. In: **O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas (II)**. OLIVEIRA, M.P.de et al (Org) – Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, Anpege, 2008, p. 49-60.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.
- CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.
- DUARTE, H. da S. B. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 36 (1), p.53-98, jan./mar, 1974.

ERTHAL, R. **Organização Espacial das Atividades Terciárias em Niterói**. 1980. Dissertação (Mestrado) - PPGG/ UFRJ, Rio de Janeiro, 1980.

FRÚGOLI Jr., H. **Centralidade em São Paulo**. São Paulo: Cortez, 2000.

HOYT, H. Classification and significant characteristics of Shopping Centers, In: **readings urban geography**, 1968, p. 454-461, (reprinted from appraisal, april, 1958, p. 214 -222).

KELLEY, E. D. Retail Structure of Urban Economy. In: **A Geography of Urban Places – Selected Readings, 1970 – Methuen publications**, p. 201 -430, (reprinted from traffic quarterly, v. 9, 1955, p. 411-430).

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG; 1999.

LIMA FILHO, A. de O. **Distribuição Espacial do Comércio Varejista da Grande São Paulo**. São Paulo: Instituto de Geografia – USP, Série Teses e Monografias, 15, 1975.

MELLO, J. B. F. de. Explosões e Estilhaços de Centralidades no Rio de Janeiro. **Revista do Departamento de Geografia**. Rio de Janeiro, n. 2, p.51-64, 1997.

MURPHY, R. E.; VANCE Jr, J.E. Delimiting the CBD. In: readings in urban geography, 1967, p. 418-446 e **Economic Geography**, 30, Chicago, p. 189-222, 1954.

PROUDFOOT, Malcolm J. City Retail Structure. In: **Readings in Urban Geography**. KOHN, C.; MAYER, R. (eds.). Chicago: The Chicago University Press, 1968. p. 395-398. (reprinted, with changes, from the Metropolis in modern life, ed Robert Moore Disher, New York, 1955, p. 125-148).

REIS, L. C. T. dos. **Descentralização e desdobramento do núcleo central de negócios na cidade capitalista: estudo comparativo entre Campo Grande e Praia do Canto, na Grande Vitória – ES**. 2007. 287f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

RIBEIRO FILHO, V. **A Configuração da Área Central de Manaus e sua Dinâmica Recente**. 2004, 246f. Tese (Doutorado em Geografia). - PPGG/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

SALGUEIRO, T. B. Oportunidades e transformação na cidade centro. In: **Finisterra**, v. 61, n.81, p. 9-32. 2006.



\_\_\_\_\_. Lisboa, metrópole policêntrica e fragmentada. In: **Finisterra**, v. 32, n. 63, p. 179-190, 1997.

SANTOS, M. **O Centro da Cidade do Salvador**. Salvador: Universidade da Bahia/Livraria Progresso Editora, 1958.

\_\_\_\_\_. **O Espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. São Paulo: Edusp. 2008.

SERPA, V. S. **O subcentro comercial do Méier**: contribuição do estudo da estrutura verejista intraurbana derivada do processo de descentralização metropolitana do Rio de Janeiro. 1991. 210f. Dissertação (Mestrado em Geografia), PPGG/ UFRJ, 1991.

SILVA, W. R. da. **Para além das cidades, centralidade e estruturação urbana**: Londrina e Maringá. Tese (Doutorado em Geografia)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

SPOSITO, M. E. B. O Centro e as Formas de Expressão da Centralidade Urbana. **Revista Geográfica**, n. 10. p. 1-18,1991.

\_\_\_\_\_. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 508f. Tese (Livre Docência)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

\_\_\_\_\_. Urbanização da sociedade e novas espacialidades urbanas. . In: **O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas (II)**, OLIVEIRA, M.P.de et al (org) – Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, Anpege, 2008, p. 61-72.

VAZ, L. F.; SILVEIRA. C. B. A Área Central do Rio de Janeiro: Percepções e Intervenções – Uma Visão Sintética no decorrer do século XX. **Cadernos IPPUR/UFRJ**, ano 8, n.2/3, 1994.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

WHITACKER, A. M. Uma discussão sobre a morfologia urbana e a articulação de diferentes níveis de urbanização. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades Médias**: espaços em transição. São Paulo, Expressão Popular, 2007, p.139-156.

---

### Lidiane Aparecida Alves

Graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é Doutoranda do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.  
Rua Delmira Candida Rodrigues da Cunha, 1160 Apto 402 -  
Santa Monica - Uberlândia CEP 38408-208  
E-mail: lidianeaa@yahoo.com.br

### Vitor Ribeiro Filho

Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia, mestre e doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pós-Doutor pela Universidade de Lisboa (2011). Atualmente é professor Associado I do Instituto e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Rua Roma, 240 - Tibery - Uberlândia CEP 38405-076  
E-mail: vitor.f@terra.com.br

---

Recebido para publicação em julho de 2013  
Aprovado para publicação em março de 2014